

Mulheres, crianças e trabalhadores(as) na identidade local: uma análise do conjunto monumental na praça 1º de maio em Londrina-PR**Bruno Sanches Mariante da SILVA***

Resumo: Londrina, surgida como empreendimento capitalista nos anos 1930, viveu, a partir dos anos 1950, um período de grande pujança econômica, alinhando-se aos ideais de modernidade e progresso. Nesse contexto, o conjunto monumental presente na praça 1º de maio começou a ser desenhado, refletindo os ideais de modernidade e modernismo. Trata-se de uma creche e posto de puericultura chamados “Casa da Criança” (1956); uma Concha Acústica (1957); e, mais recentemente, o Memorial do Pioneiro (2007), com 17 monumentos em forma de obeliscos que trazem, entre textos e imagens, sem distinções, 3800 nomes de pessoas que chegaram à cidade até dezembro de 1939. Desse modo, na praça se entrelaçam discursos sobre a modernidade (pretendida dos anos 1950), maternidade e infância, trabalhadores e trabalhadoras que construíram a cidade, e o conceito revisitado de pioneiro. Elementos que se articulam, de formas diversas, na (re)elaboração da identidade londrinense através dos anos.

Palavras-chave: Monumentos. Londrina. Modernidade. Identidade local. Maternidade.

Women, children and workers in local identity: an analysis of the monumental complex in the square May 1st in Londrina-PR

Abstract: Londrina, a city built from a capitalist action in the 1930s, lived, in the 1950s, a period of great economic strength, aligned with the ideals of modernity and progress. In this context, the monumental complex present in the “May 1st Square” began to be designed, reflecting the ideals of modernity and modernism. It is composed by a nursery called “Casa da Criança” (1956); a Concha Acústica (1957); and more recently, the Pioneer Memorial (2007), with 17 monuments in the form of obelisks, bringing, between texts and images, without distinctions, 3800 names of people who arrived in the city by December of 1939. In this way, in the square are intertwined discourses about modernity (intended in the 1950s), motherhood, childhood, workers who built the city and the revisited concept of pioneer.

* Professor Doutor - Departamento de História – Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari (FAFIMAN). Mandaguari, Brasil. Rua Renê Taccola 152 | CEP 86.975-000 | Mandaguari -PR

Elements that are articulated, in diverse forms, in the (re) elaboration of Londrina's identity through the years.

Keywords: Monuments. Londrina. Modernity. Local identity. Maternity.

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. (CALVINO, 2006, p.18).

O escritor italiano Ítalo Calvino dedicou bela obra às cidades invisíveis, metáfora muito bem utilizada para as cidades que também povoam nosso imaginário e memória. Em determinado ponto da obra, Calvino assevera que “[...] a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas.” (2006, p.14). Com tais passagens queremos evidenciar que a cidade, contendo o passado, produz um discurso sobre si por meio de suas ruas, praças, monumentos, edifícios. Representações de identidades que ela oferece ao público transeunte, seja visitante ou cidadão. Nesse sentido, no presente artigo, queremos discutir o processo de repetição e consolidação de discursos sobre a identidade da cidade de Londrina, situada no norte do Paraná. A questão da modernidade aparece inscrita em seu espaço urbano e nos discursos oficiais, bem como a exaltação aos pioneiros, aqueles que produziram a cidade ao construírem também suas próprias vidas. Tais representações transformam-se ao passar dos anos e são prenes de sentido e de historicidade.

Para tal, nos propomos a analisar o conjunto monumental construído em diferentes momentos da história de Londrina e situado à Praça 1º de maio, no centro da cidade. Compõem tal conjunto um prédio de 1954 com linhas modernistas projetado por Vilanova Artigas para abrigar uma creche e um posto de puericultura; uma concha acústica, de 1957, palco importante para as manifestações artísticas e políticas da cidade; e, a partir de 2007, o Memorial do Pioneiro, um conjunto de 17 obeliscos contendo nomes dos homens e mulheres que chegaram nos primeiros anos da cidade. Queremos analisa-los no sentido da construção e manutenções de representações da identidade londrinense no imaginário social da cidade.

É, portanto, pertinente refletirmos em consonância com Baczkó (1982) no sentido de entendermos as cidades como frutos da imaginação social, isto é, a sociedade imagina, projeta, cria a cidade.

[...] Todas as cidades são, entre outras coisas, uma projeção dos imaginários sociais no espaço. A sua organização espacial atribui um lugar

privilegiado ao poder explorando a carga simbólica das formas (...). A arquitetura traduz eficazmente, na sua linguagem própria, o prestígio que rodeia um poder, utilizando para isso a escala monumental, os materiais “nobres” etc. (1982, p.313).

Nesse sentido proposto por Baczko temos a concepção de cidade enquanto meio propício à propagação de ideários e da imaginação social através dos seus prédios e espaços. A cidade é moldada de acordo com esse ideário, é fruto da imaginação de homens e mulheres.

Ao andarmos por uma cidade podemos ver seu passado inscrito em suas ruas, prédios e praças; é a história da cidade e de seu povo, de culturas e sociedades. Podemos considerar os elementos urbanos (prédios, praças, bairros, ruas, monumentos, etc.) como documentos para que essa história possa ser narrada. Devemos analisar estes *documentos urbanos* como os demais documentos históricos, pensando-os como versões do fato ou do momento, e atrelados à percepção de seus autores. Pensamos, deste modo, o documento como fruto intencional de uma sociedade em legar uma imagem de si para as próximas gerações (LE GOFF, 1996). Neste sentido entendemos os monumentos e outros elementos e imagens urbanas atrelados a função de perenização de representações, do mesmo modo que os demais documentos.

A arquitetura, esta natureza fabricada, na perenidade de seus materiais tem esse dom de durar, permanecer, legar ao tempo os vestígios de sua existência. Por isso, além de continentes de experiências humanas, a cidade também é um registro, uma escrita, materialização de sua própria história. (RONILK, 1988, p.9).

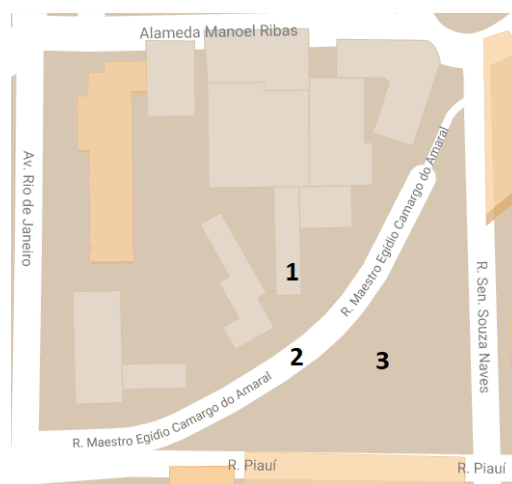


Figura 1: Mapa da praça 1º de maio de adjacências. 1: Prédio da Casa da Criança, atual Secretaria Municipal de Cultura. 2. Local onde situa-se o Memorial do Pioneiro. 3. Praça 1º de maio, onde situa-se a Concha Acústica.

Fonte: Plataforma Google MyMaps, 2018.

Assim, em razão de sua natureza também fabricada, é que Calvino (2006) nos diz que “A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente.” (p.23), repete-se para divulgar mensagens, ideias; para fixá-las. É uma projeção dos imaginários, materializados nos elementos urbanos da cidade. No entanto, essa imagem fixada da cidade é uma imagem parcial, uma versão dos fatos. A versão de um autor e ou de um grupo de autores. Impõem-se, portanto, as questões de Ulpiano Bezerra de Menezes:

Qual cidade? A cidade dos antepassados, dos heróis fundadores (e dos vilões?), dos donos do poder, de ontem e de hoje? Ou conforme a fonte de informação, a cidade dos eruditos e dos historiadores, dos poetas oficiais, dos urbanistas, planejadores e tecnocratas? Dos habitantes? Quais? Do homem da rua e daquele que com suas mãos a constrói, simples instrumento? (MENESES 1984, p.199).

Dessas indagações, queremos focalizar em Londrina, cidade jovem do setentrião paranaense, conta com pouco mais de oitenta anos e a soma de 500 mil habitantes. Há na cidade dois fortes discursos na formatação da identidade local: o primeiro com relação ao pioneirismo, com grande valorização daqueles que chegaram primeiro e participaram do processo de construção da cidade. E em segundo lugar, um forte discurso pautado na modernidade e no progresso, especialmente nos anos 1950, considerados *anos dourados* da cidade em razão o auge da produção cafeeira.

1 Londrina: da mata ao dourado

Toda a porção setentrional do Estado do Paraná foi alvo de uma ação capitalista racional com o objetivo de lotear e vender os 515 mil alqueires que a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) – subsidiária brasileira da empresa inglesa Paraná Plantations – adquiriu do Governo do Estado em 1925¹. Fora preciso rasgar a mata para que os funcionários da CTNP pudessem começar a demarcar o território naquela terra que abrigaria a cidade de Londrina. Os clientes começaram a chegar a partir de 1930, e vinham atraídos pela fama de riqueza das terras do norte paranaense difundida pela Companhia em todo o Brasil e no exterior. A campanha publicitária da CTNP divulgava maciçamente a Nova Terra Prometida, o famoso Norte do Paraná, a nova Canãa, “[...] onde todo mundo espera fazer fortuna rápida e facilmente... É a terra onde, e verdade se pisa sobre dinheiro... É um presente do Céu às pessoas de boa vontade.” (ADUM, 1991, p. 50). Em função das campanhas de atração de compradores e trabalhadores, as cidades do Norte do Paraná começaram a crescer, principalmente, Londrina que era tida como a “capital do Norte do Paraná”.

No início da década de 1930, mais especificamente em 3 de Dezembro de 1934, Londrina tornou-se município. A cidade começava a crescer e se desenvolver, gerando um transbordamento do traçado inicial da cidade, planejada para abrigar no máximo 30.000 pessoas. De acordo com o Recenseamento Geral do Brasil, realizado em 1940, Londrina, que fora planejada para 20 mil habitantes, já contava com 75.296 habitantes, distribuídos entre Londrina e seus distritos. Impressionante é que em 1960, apenas o município de Londrina (os distritos já haviam se emancipado) somava 133.739 pessoas. A grande migração para o norte do Paraná é uma clara resposta às campanhas publicitárias feitas pela CTNP.

Essas representações sobre a região moldaram também as concepções acerca das pessoas que migraram, motivadas pelas publicações, a fim de participar desse projeto.

Nos períodos em questão – os anos do Eldorado – a representação do pioneiro portava um conjunto e significados distintos: ao mesmo tempo em que era identificado ao pioneiro norte-americano, era revestido da aura épico-mítica do bandeirante paulista, o que tornou possível a incorporação, em seu conteúdo, tanto da idéia de desbravador, como a do fazendeiro de café, representado também como um bandeirante moderno. Essas associações foram facilitadas e mesmo estimuladas pelo amplo significado do termo pioneiro, que é originário do francês – pionnier – e quer dizer: militar, separador, explorador de sertões. (ARIAS NETO, 1995, p.70).

Os homens e mulheres que chegaram à Londrina, sobretudo, entre os anos de 1930 e 1950 são considerados como importantes agentes do processo de formação e crescimento da cidade. Os pioneiros são geralmente representados como aqueles que, não importa a origem, migraram para Londrina com o firme propósito de trabalhar e crescer junto com a cidade e para o cumprimento de tal propósito enfrentaram as agruras de uma região ainda sem estruturas e prosperaram em razão da cultura do café.

Os cafeicultores, grupo social que ascendeu ao poder em razão da forte valorização comercial do café e gozava de prestígio político na região, organizaram uma oposição a certas medidas do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960) no que diz respeito à cafeicultura. Essa oposição se manifestou através do movimento Marcha da Produção², planejado no ano de 1957 e tinha como objetivo marchar em caravana até o Rio de Janeiro e entregar ao presidente as reivindicações dos cafeicultores do norte do Paraná. O grupo se baseava no discurso da “vocação agrícola do país” e, portanto, reclamavam por mudanças nas taxas cambiais assim como mais incentivos para a amplia o da exporta o do café brasileiro. Essa querela se deu em razão da divergência entre o discurso de exalta o da industrializa o, comum ao governo de JK e o discurso dos cafeicultores, que proclamavam o café como sin nimo de desenvolvimento e progresso. Para Arias Neto (1995) esse

momento consiste em uma demonstração de características do discurso do progresso e da modernidade dos anos cinquenta, isto é, o embate entre o pensamento agrarista e o pensamento desenvolvimentista.

Em Londrina, as ideias de progresso e desenvolvimento estavam em ebulição nos anos 1940-1950, uma vez que a cidade se enriquecia com a cafeicultura, aumentava vertiginosamente sua população e esperava por meio do espaço urbano e da arquitetura demonstrar sua grandiosidade e riqueza. Na década de 1940 surgem os primeiros casarões e sobrados em alvenaria em Londrina, a maioria localizava-se na avenida Higienópolis, uma referência ao bairro de São Paulo, da mesma forma que os casarões com sua arquitetura eclética remetiam à avenida Paulista (SUZUKI, 2003). Assim, Londrina nos anos 1950 era uma cidade pujante em riqueza, tendo contratado o famoso arquiteto modernista Vilanova Artigas para a construção do cinema, da rodoviária e da creche da cidade – entre outras obras – como forma de mostrar a opulência londrinense advinda do ouro verde.

No entanto, a cidade também convivía de perto com a pobreza, sendo necessária a construção, às pressas, de um hospital para indigentes, que tornaremos a comentar. Essa pobreza desmedida não se harmonizava com os ares de cidade civilizada que se esperava construir no rincão norte-paranaense, tão pouco com a imagem e fama de capital mundial do café e “Eldorado Cafeeiro”. Desse modo, foi preciso higienizar e ordenar a cidade e a população para continuar crescendo.

Londrina nos anos 1950 era uma cidade que em pouco mais de 20 anos havia crescido significativamente e se tornado “a capital mundial do café” com milhares de pessoas em um espaço urbano que não estava preparado para tal. Propagadas as ideias de higiene social e progresso, novas instituições foram criadas e se quis criar novos hábitos, assim como novas leis; o que, de acordo com Fausto Lima, tratou-se da proposição para Londrina de um estatuto de cidade moderna (LIMA, 2000), tudo no intuito de ordenar a cidade.

A prescrição hábitos de higiene, de normas sanitárias e limpeza e a disciplinarização da moralidade e dos costumes [eram] assunto de pauta na Câmara municipal, cujas deliberações eram executadas pela Saúde Pública e Polícia de Costumes. Cabia reprimir a suposta ociosidade dos adultos e, a longo prazo, educar os menores; erradicar os hábitos de moradia dos pobres, consideradas focos de epidemias e terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos. (CASTRO, 2003, p.252).

Adum (1991) apontou que buscou-se criar uma legislação que ordenasse a população que crescia. Mais do que isso, era preciso empreender uma higienização da cidade.

“Londrina não pode parar”, “município de maior progresso do país”, eram slogans que se disseminavam em toda a parte e justificavam iniciativas tidas como “ordenadoras” e “progressistas”. Demolir, reconstruir, racionalizar, limpar, ordenar, passam a ser palavras de ordem. Era o progresso; o nascer de “arranha-céus”. O afã do progresso e da modernidade ordenava e justificava o processo de transformação das áreas urbanas, processo este orquestrado pelo poder público, agora composto por suas três modalidades principais: Prefeitura, Segurança Pública e saúde Pública, somados a incorporadores e especulação imobiliária. (ADUM, 1991, p.179-80).

Em 1947, estabeleceu-se uma primeira legislação para ordenar a cidade e que, ao mesmo tempo, não impedisse o seu progresso. Entretanto, a lei que regeria e implantaria um novo sistema de urbanismo na cidade de Londrina é de 1951 e foi criada a partir de orientações do engenheiro e ex-prefeito de São Paulo, Francisco Prestes Maia.

Prestes Maia desembarcou em Londrina em abril de 1951 para colher dados para elaborar o plano viário, e, atendendo ao pedido do prefeito Hugo Cabral, enviou o projeto antes do final do ano e término do mandato do prefeito. A lei nº 133 foi sancionada pelo prefeito no dia sete de dezembro de 1951. A aprovação da lei representa, segundo Lima (2000), o anseio pelo moderno, pelo futuro. É nesse momento que o progresso vem também com grandes projetos de arquitetura modernista para algumas residências e prédios públicos como a Rodoviária, a Casa da Criança, ao anexo da Santa Casa e o Cine Ouro Verde, sem contar um grande número de residências e prédios construídos no período. O terminal rodoviário de Londrina foi projetado por Vilanova Artigas – prestigiado representante da arquitetura modernista – e inaugurado em 1952. Sobre o Ouro Verde, também projeto da dupla Artigas/Cascaldi, Sonia Adum nos diz “[...] que era última palavra em casa do gênero, possuindo ar refrigerado, confortavelmente instalado em prédio novo, especialmente construído para esse fim e montado com mobiliário de alto luxo.” (ADUM, 1991, p.181).

A década de 1950 foi um grande momento da saúde pública e das políticas higienistas na cidade de Londrina, tendo em vista a ideia de desenvolver a cidade ordenadamente e preservar seus cidadãos. A Londrina do pós-guerra era uma cidade em franca expansão, produzia-se e vendia-se cada vez mais café, o que atraía cada vez mais migrantes. Esse apelo ao moderno, ao modernismo urbano, segundo José Miguel Arias Neto (1995), era o que fornecia às elites novos mecanismos de dominação. Era, sem dúvida, uma cidade idealizada pelas elites. Juliana Suzuki complementa dizendo que “Apesar dos avanços que propunha, o resultado prático da Lei 133 foi a segregação do espaço conforme as classes sociais que o ocupavam.” (2003, p.57). No anseio de

modernizar e representar o progresso diversos empreendimentos foram realizado, como os já acima citados.

De início era a floresta. Gigantesca. Contorcendo-se nos cipós esquis. Estabilizada nas perobas e figueiras milenárias. Guardando embaixo de sua sombra os húmus vermelho que os séculos criaram. Um dia veio o homem. Mudaram os ruídos sonoros da floresta pelo som abrupto das derrubadas. Abriram-se clareiras e fizeram-se ranchos. Criaram-se plantações. E Londrina veio depois. Resposta da terra fértil à semente que o homem lhe confiou. Orgulhosa de seus milhões de cafeeiros, de seus arranha-céus suntuosos, da azáfama de seu povo com fibra de pioneiro, do movimento de suas ruas bem delineadas, de tudo que nela se criou. (Publicação da PREFEITURA MUNICIPAL, 1958, apud ARIAS NETO, 1995, p.17).

O processo de consolidação da identidade do norte do Paraná, incluindo Londrina, se deu por uma oposição ao chamado Paraná Tradicional. No norte não havia florestas de Araucária, e o clima tampouco se assemelhava a porção mais boreal do estado³. O mito do norte moderno e o sul tradicional enraizou-se na formação de uma identidade londrinense, situação que também se refletiria na arquitetura, como mecanismo de demonstração da pujança econômica e do caráter moderno.

O final dos anos 1940 e o início de 1950 marcam o apogeu da cafeicultura londrinense e seus reflexos se fazem sentir de maneira inequívoca no cenário urbano. Concomitantemente ao início do processo de verticalização, [...] a cidade começa a receber as influências da arquitetura moderna que se desenvolve nas grandes capitais brasileiras, sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. (SUZUKI, 2011, p.44).

Nesse sentido, percebendo a arquitetura como reveladora de representações identitárias na Londrina dos anos 1950, vamos analisar a Praça 1º de maio e o conjunto monumental que a constitui, ao longo de um arco temporal que se estende de 1954 a 2007, uma vez que se trata de importante logradouro na malha urbana central de Londrina, e encontra-se repleta de elementos simbólicos e significativos para a discussão acerca da identidade londrinense, pensada no singular, enquanto discurso oficial.

2 O moderno e o futuro na Praça 1º de maio

Nos primeiros anos da década de 1950, Londrina procurou na ordenação do espaço urbana e na construção de modernos edifícios demonstrar sua riqueza e sua modernidade. Assim, em 1952, foi inaugurado o prédio da Estação Rodoviária, cumprindo tal função até 1988 e hoje sedia o Museu de Arte de Londrina. Em 1952, foi inaugurado o Cine Ouro

Verde. Ambas construções traziam a assinatura da dupla formada por Villanova Artigas⁴ e Carlos Cascaldi⁵. Em 1954, foi entregue à população londrinense mais uma obra de Cascaldi e Artigas, a Casa da Criança, isto é um complexo formado por uma creche e posto de puericultura, cuja inauguração marcava o início de uma “[...] assistência social higienista voltada à maternidade, proteção à infância e adolescência, com ênfase na saúde e educação [...]” (CASTRO, 2003, p.333). Não houve ainda estudo significativo sobre a Casa da Criança – para além de sua significância arquitetônica – e sua atuação em Londrina, mas é preciso dizer que por 13 anos ela atuou como elo entre as políticas higienistas, oriundas de uma medicina sanitaria, e as mães e crianças londrinenses.

Em Londrina, os aparatos de saúde foram iniciados em 1933 com a inauguração do primeiro hospital, construído e administrado pela CTNP, conhecido como “Hospitalzinho da Companhia”. Seu módico tamanho, logo se apresentara insuficiente para a “fronteira em movimento” e para o grande fluxo de pessoas que corria para Londrina. Assim, em 1936 um grupo organizado fundou um “hospital de emergência” para aqueles que não podiam pagar pelo tratamento no hospital da companhia. O “hospitalzinho dos indigentes” funcionou até 1944, quando foi inaugurada a Santa Casa de Misericórdia de Londrina, o primeiro hospital de grande porte com um atendimento liberal e filantrópico (OBERDIEK, 2011).

A Casa da Criança foi viabilizada pelo poder público, que doara o terreno, e pelas associações filantrópicas, principalmente, pela sociedade de mulheres da elite londrinense denominada Damas da Caridade e inaugurada em 14 de agosto de 1955. Com a construção de um prédio modernista, a prefeitura pagava os professores e a Legião Brasileira de Assistência arcava com as demais despesas de manutenção dos projetos (a LBA assumira, em primeiro momento, tal incumbência, tendo sido seguida na administração pela Associação de Proteção à Maternidade e Infância). A APMI foi fundada em 1956 e trazia em seus preceitos o combate à mortalidade infantil por meio de serviços de assistência tanto à mãe quanto aos bebês, mediante postos de puericultura, lactários, maternidades, creches etc.

A Legião Brasileira de Assistência foi uma instituição fundada em 1942 pela primeira-dama Darcy Vargas com o propósito de auxiliar as famílias dos brasileiros enviados ao combate na Europa; sendo que a partir de 1946 dedicara-se especificamente a proteção da maternidade e infância. Um de seus principais focos de atuação era a construção de postos de puericultura e a promoção de cursos de puericultura, como a Casa da Criança de Londrina. Esses postos constituíam importantes centros de propagação de noções básicas de puericultura, mas também de atendimento às gestantes e seus filhos. Em 1947, Boletim da L.B.A., publicação oficial da instituição, já destacava sua importância:

A aparência de higiene não é suficiente para garantia de saúde. E por isto é que se impõe a assistência permanente de especialistas que possam atestar as condições do menino. A melhor maneira de fazê-lo é a frequência aos Postos de Puericultura onde há, sempre, quem atenda as mães e apresente sugestões sobre as possíveis necessidades que a criança esteja a exigir. (Boletim..., n.29, novembro e dezembro de 1947, p. 7).

Boletim procurou bem definir, também em 1947, o que constituiria um Posto de Puericultura.

É uma unidade que presta á criança toda a assistência enquadrada dentro do conceito do que se entende por puericultura. Como esta é a “ciência e arte de criar higiênica e fisiologicamente as crianças” ou, segundo Martagão Gesteira, “a arte de bem procriar e criar”, conclui-se ser o Posto de Puericultura o estabelecimento capaz de satisfazer aquelas finalidades”. [...] “Obedecendo a esse critério, diremos que só se deve considerar Posto de Puericultura a entidade que, além da assistência médica propriamente dita, cerca a criança de uma soma enorme de cuidados para evitar que ela adoça. Em uma palavra; vela por manter sadia a criança sadia. Dessa forma, um pequeno e modesto consultório de Higiene Infantil desempenha o papel de um Posto de Puericultura quando, além do tratamento médico, orienta perfeitamente a mãe na arte de bem criar o seu filho”. (Boletim..., n.24, abril, maio de 1947, p.10).

A puericultura e, especialmente, o Posto de Puericultura representavam bem a faceta mais moderna no cuidado com a maternidade e a infância. Em 1959, durante a inauguração de um posto de puericultura em Betim, Minas Gerais, o diretor-superintendente da LBA, dr. Eugênio Gomes de Carvalho, apontou brevemente a visão que a instituição tinha sobre tais empreendimentos:

Postos de puericultura como êste que agora temos a ventura de entregar ao povo de Betim constituem a arma poderosa que há de preservar vidas hoje maltratadas, salvando-as para que possam também colaborar no progresso de nossa Pátria, a reclamar número sempre crescente de braços em todos os seus setores de trabalho. (Boletim..., n.94, janeiro, fevereiro, março de 1959, p.33).

Há uma preocupação com o futuro do país que subjaz às orientações sobre a infância e a maternidade. A medicina moderna, representada pela puericultura, precisa garantir baixos índices de mortalidade e assim assegurar o futuro e o progresso da nação. Desse modo, a LBA promovia frequentemente cursos de puericultura, principalmente, nos postos de puericultura, afim de auxiliar no preparo das mulheres para a maternidade moderna.

Visam êsses cursos [cursos populares de puericultura] colocar ao alcance das mães e futuras mães, sobretudo daquelas que são obrigadas a trabalhar fora do lar, noções, orientações e conselho referentes à higiene, comportamento, recreação e demais atividades sociais da criança. [...] Sabemos que a grande mortalidade infantil que entre nós se verifica embora tenha causas múltiplas, a principal delas é representada pelos chamados erros de alimentação, provenientes do desconhecimento, inciência e ignorância das mães nestes assuntos. É, portanto, orientando e instruindo as mães que conseguiremos reduzir êsses altos índices. (Boletim..., n.81, janeiro, fevereiro e março de 1956, p.16).

A história da Casa da Criança de Londrina tem início no ano de 1950. Nesse ano, foi realizada a tradicional “Campanha da Criança” do Departamento Nacional da Criança com a participação da Associação das Damas da Caridade de Londrina. A grande quantia arrecadada gerou discussão entre os vereadores para que o dinheiro ficasse em Londrina e fosse destinado à construção de um posto de puericultura, ao invés de ser enviado para o governo federal.

Destinado ao amparo e proteção da criança e da mulher gestante, a “Casa da Criança”, notável empreendimento da municipalidade a ser inaugurado hoje – dispõe de uma área útil de 1320 metros quadrados com dependências e instalações das mais modernas. Trata-se, verdadeiramente, de uma notável instituição social.” (Folha de Londrina, 10 de dez. 1954, p.1 apud ALVES, 2013, 288).

O prédio foi projetado pela dupla de arquitetos Artigas e Cascaldi e seguia as linhas do modernismo de formulações racionalistas, marcado, sobretudo, pela influência de Le Corbusier⁶.

O edifício remete às obras racionalistas, particularmente as produzidas na Alemanha e na Holanda nos anos 1920, talvez uma referência à arquitetura comprometida com a questão social que caracterizava o trabalho dos europeus do início do século. [...] Dentre as obras executadas por Artigas e Cascaldi em Londrina, é a que se referencia mais diretamente à linguagem corbusieriana: lá estão os pilotis, a planta livre, a fachada livre, as janelas longitudinais e o teto-jardim. Porém, apesar da presença dos pilotis, o pavimento térreo é utilizado de maneira convencional, não se beneficiando completamente da solução arquitetônica empregada. (SUZUKI, 2003, p.104).

Suzuki também destacou que o dinamismo da obra arquitetônica é o que mais se destaca desse prédio de Artigas e Cascaldi, mas os aspectos sociais são também bastante relevantes. Não só no uso, mas também no planejamento:

A arquitetura da Casa da Criança está baseada na lógica dos espaços, condizentes com as necessidades dos usuários, onde a funcionalidade dos vários andares tem um alcance muito prático, solucionado por meio de rampas de declividade suave, o que permitia que as crianças se locomovessem sem o menor esforço. [...] São justamente as rampas que dão um dinamismo espacial à edificação: unindo os quatro pavimentos em uma direção ascendente ininterrupta, ela oferece ao usuário uma sensação de continuidade espacial, onde se tem a impressão de subir ou descer sem se chegar ao final do percurso, diferentemente de uma escada, que tornaria a tarefa muito mais monótona. (CASTELNOU, 2002, p.168).

“Aqui, as gerações que ainda estão no berço, ou dele mal saídas, encontrarão amparo e assistência que melhormente as prepararão para suportar o desgaste que as dificuldades do tempo que atravessamos lhe imporão.” (Inaugurada...,1954, p.1) declarou a presidente da Seção Municipal da LBA Antônia de Paula por ocasião da inauguração da Casa da Criança. Segundo Jolinda Alves, “Nos primeiros meses ficava evidente a sua função higienista, prestando serviços de atendimento à saúde da criança e da mãe, consultas, exames, internações.” (2013, p.291). No entanto, com o passar do tempo a casa da Criança foi associando-se mais à uma concepção de creche e maternal, bastante ligada à atividades de cunho assistencial como entrega de roupas, alimentação e leite, mais distante da prestação de serviços ligados à saúde.

Em 1956 em reunião do Conselho de Administração ficou decidida a transferência do ambulatório infantil para as dependências da Santa Casa de Misericórdia. A partir de 1960, a Casa da Criança passou a ser gerida pela Associação de Proteção à Maternidade e Infância (APMI), cuja presidência caberia sempre a primeira-dama do município – modelo semelhante ao da LBA. A instituição já começava a enfrentar dificuldades orçamentárias e os membros da fundação buscavam soluções. Alves (2013) explica como se dava a formação do orçamento da Casa da Criança:

A manutenção da casa dava-se por meio da realização de feiras, das verbas repassadas pela prefeitura e pelo Governo do Estado e da taxa de inscrição das crianças. Era cobrada uma taxa de cem cruzeiros por criança inscrita e cento e cinquenta cruzeiros cobrados da mãe que inscrevesse dois filhos. As associadas da APMI que possuíam sítios ou fazendas doavam gêneros alimentícios. (ALVES, 2013, p.294).

A organização e manutenção da Casa da Criança recaía, fortemente, sobre as campanhas filantrópicas promovidas pelas senhoras da APMI junto à sociedade. Eram feiras, quermesses, festas, entre outros eventos para arrecadação de verbas. Com grande destaque para a Campanha da Criança e a Campanha do Natal, que mobilizavam um maior contingente de pessoas em toda a cidade. A filantropia é uma marca da atuação da Casa da Criança e um espaço importante de inserção feminina. Jolinda Alves, que teve acesso às atas da APMI, destaca que no início dos anos 1960 a Casa da Criança já passava por uma situação financeira grave. Assim, visando descentralizar o atendimento médico social às crianças e melhor adequar as finanças do município, em 1969 o prefeito Dalton Paranaguá promoveu a transferência das crianças para outras creches e o fechamento da Casa da Criança.



Figura 2: O prédio da Casa da Criança na Praça 1º de maio nos anos 1950. Ao fundo observa-se a Catedral de Londrina.

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina.

Posteriormente, o imponente prédio passou a abrigar a Biblioteca Municipal, e depois a Secretaria Municipal de Cultura, função que exerce até hoje. Em 2010, iniciou-se um controverso e extenso processo de restauro⁷ do prédio que findaria apenas em 2016.

A modernidade da puericultura e da medicina higienista-sanitária estão presentes na construção do prédio da Casa da Criança, tanto em suas formas racionais quanto em seu propósito inicial. O forte discurso das décadas iniciais do século XX de contraposição entre o tradicional e moderno, o antigo e o novo, o rural e o urbano estão também materializados na obra. O olhar médico tem recaído sobre as mulheres e seus corpos de várias maneiras, sobretudo, na questão da reprodução e da criação dos filhos⁸ e assim criou-se a representação da mãe moderna, educada nas ciências e capaz de bem criar o futuro da nação. Valorizadas, a criança e a infância, passaram a ser objeto da atenção de médico-higienistas, mormente, quando passam a ser compreendidas como futuro da pátria⁹. Desse

modo, puericultura, na primeira metade do século XX, tem largo espaço em publicações e notório reconhecimento social. A modernidade incide sobre a infância na preocupação em preservá-la, e assim preservar o futuro da nação.

Estabelecendo uma clivagem entre o saber médico e o saber leigo das mães, os médicos desqualificaram qualquer prática ou experiência que não tivesse fundamento científico e profissional. As mães são vistas com desconfiança e culpabilizadas pela mortalidade infantil, mas também são merecedoras da atenção e dos cuidados médicos. Como as crianças, as mães precisam ser educadas e os médicos atribuem a si essa tarefa por meio de um conjunto de práticas e de uma metodologia própria cujo objetivo é, em síntese, a normalização da maternidade. (MARTINS, 2008, p.143).

A construção de um posto de puericultura coaduna-se a um ideário de preocupação e supervalorização do futuro, e está imbuída de uma representação de progresso e modernidade, afastando o atraso e o tradicional. Como já apontado, esses eram valores com os quais a cidade de Londrina procura se definir. Desse modo, para além de um equipamento urbano da área da saúde e da assistência social, a Casa da Criança reveste-se de traços da identidade de Londrina.

Após a inauguração da Casa da Criança, a Praça 1º de maio foi agitada pela construção de outro equipamento urbano de grande relevância para o cenário e a história de Londrina: a Concha Acústica. Importante palco de manifestações políticas e sociais, a Concha foi inaugurada em 1º de maio de 1957.

O espaço da praça 1º de maio já constava na primeira planta de Londrina de 1932, mas não com o propósito de praça. Seu primeiro uso foi como sede da terceira Estação Rodoviária da cidade, a partir de 1938 até 1952, quando foi transferida para a rua Sergipe em um prédio projetado por Artigas (hoje sede do Museu de Arte)¹⁰. As duas primeiras estações rodoviárias situavam-se nas adjacências do escritório da CTNP, atualmente proximidades da Praça Willie Davis. Os relatos históricos dão conta que, a partir de 1952, a praça ficara abandonada. Nesse momento, o prefeito Antonio Fernandes Sobrinho desejava criar um coreto em Londrina, tendo em vista que tal estrutura era bastante comum às cidades. Segundo Yamaki (2006) a 1º de maio mostrou-se mais propensa a tal feito, em função das características de seu terreno e pelo fato de estar sem uso. Yamaki também apontou que alguns comícios e campanhas políticas já eram realizadas nas cercanias do Paço Municipal, muito próximo à praça 1º de maio.

A ideia do coreto foi substituída pela proposta de um anfiteatro ao livre, inspirado em um modelo existente em Vitória- ES, uma concha acústica. A Concha Acústica foi inaugurada no dia primeiro de maio de 1957, dia do Trabalhador. A inauguração começou às 19hs e por volta das 20hs adentraram ao palco diversas atrações: shows de artistas,

cantoras, músicos, dançarinos, teatro e a acordeonista Evelina Grandis (YAMAKI, 2006; OLIVEIRA, 2016). Pela proximidade com o antigo Paço Municipal, a Concha consolidou-se como espaço de manifestações políticas, além das artísticas. Segundo Oliveira (2016), algumas figuras importantes compuseram a cena política nesse espaço, a exemplo do ex-presidente do Brasil João Goulart, na década de 1960 e, em 1980, o então líder sindical Lula e o líder político do antigo PMDB, Ulysses Guimarães.

A partir dos anos finais da década de 1950 e por toda a década de 1960, Londrina passaria por um rápido e intenso processo de verticalização, com a construção de inúmeros prédios residenciais e comerciais. Suzuki (2011, p.48) apontou que “A prosperidade econômica produzida pela cultura cafeeira possibilitou a transferência de capitais do meio rural para o urbano, modificando rapidamente a fisionomia da cidade.” A autora conclui que “O café materializava-se em construções.” (SUZUKI, 2011, p.52). Desse crescimento da cidade, a praça 1º de maio foi alvo de uma atenção pormenorizada para a construção de edificações verticais, ditas modernas. Todos são projetos do engenheiro Américo Sato e construídos pela construtora Veronessi entre 1953 e 1963.

O edifício Bosque, na esquina das avenidas Rio de Janeiro e Piauí, foi construído entre 1953 e 1955. Descendo a avenida Piauí, e já bem defronte à Concha Acústica e à praça 1º de maio, está situado um dos empreendimentos mais célebres de Londrina: o edifício Centro Comercial, cujo projeto de 1953 foi concluído no início da década de 1960, em função da complexidade da construção. “São 3 pares de torres independentes com 20 pavimentos cada, ligadas por uma base comercial contendo 71 lojas. A cada par de torres, identificadas como A, B e C, corresponde um tipo de apartamento.” (SUZUKI, 2011, p.91). Data também dos primeiros anos da década de 1960 a construção do edifício Comendador Júlio Fuganti, um marco na paisagem londrinense, localizado na esquina das avenidas Celso Garcia Cid e Senador Souza Naves (avenida que passa atrás da Concha Acústica, ver figura 1). Segundo Suzuki (2011), o terreno de forma triangular resultou em um projeto de volumetria irregular. Ainda de acordo com a autora “Os recursos arquitetônicos utilizados – a rigorosa modulação estrutural, a volumetria pura, as esquadrias metálicas e o uso de pastilhas – revelam a aproximação com o repertório modernista.” (SUZUKI, 2011, p.111). Em imagens do período de sua construção é possível vermos tapumes circundando a obra com os seguintes dizeres: “um marco de progresso plantado no coração de Londrina”.

Assim, a praça 1º de maio com o seu “coreto” moderno e cercada por alto e modernos edifícios era uma “promessa de futuro”, como procurou representar um periódico da época:

Flagrante do Futuro. Praça Primeiro de Maio, três anos após esta data: Logradouro compacto, com movimentação bastante expressiva. Prédio modernos cercado-a com clareira aberta para o lado do bosque, confeitarias, lojas, gente que vai ao Correio, pequenos que dão frequência à Casa da Criança, um belo jardim no centro, e uma fonte luminosa em torno da qual passeia gente domingueira. Londrina é uma promessa de futuro (NESWY, 27/05/1961 apud YAMAKI, 2006, p.44).



Figura3: A Concha Acústica no dia de sua inauguração em 1º de maio de 1957. É possível observar ao fundo o prédio da Casa da Criança, inaugurado em 1954. Autor: Oswaldo Leite.

Fonte: Foto do Acervo do Museu Histórico

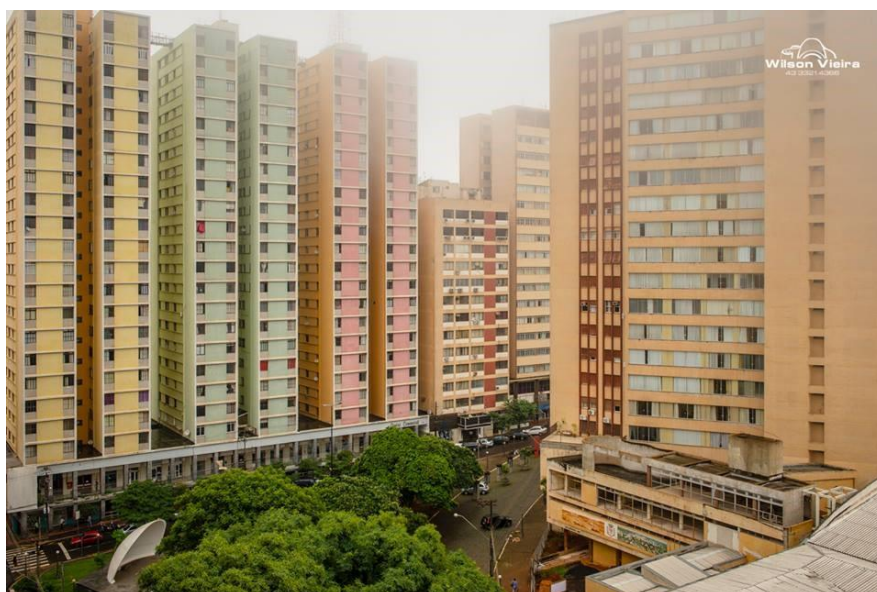


Figura4: O conjunto da Praça 1º de maio. Os prédios coloridos do Centro Comercial, à esquerda. No centro, entre árvores, a Concha Acústica. À direita, o prédio da Casa da Criança ainda em restauro.

Fonte: Wilson Vieira, 2015.

O discurso identitário de oposição entre moderno e tradicional, rural e urbano, que marcava o Norte do Paraná, em franca contraposição ao sul do estado, estava materializado nos traços modernos e modernistas que delineavam a praça 1º de maio. A praça historicamente esteve preta de significados e representações. Faceta esta que será fortemente recrudescida e ressignificada cinquenta anos mais tarde.

3 Memorial do Pioneiro e a perenização de traços identitários¹¹

Os pioneiros sempre foram personagens centrais e largamente reverenciados na história local em razão de suas ações, entendidas como formadoras da civilização londrinense em meio ao sertão e à mata bravia. As diversas representações criadas acerca da cidade de Londrina e do processo empreendido pela CTNP, imagens como “Terra de Promissão” e “Eldorado Cafeeiro”, que logo se expandiram pelo Brasil e pelo mundo. Nesse bojo da formação do imaginário sobre a região, elaborava-se também as representações sobre aqueles que viriam a ocupar essa área e ingressar com o trabalho.

As imagens e construções a respeito desses personagens estiveram presente em publicações como revistas e álbuns comemorativos de datas especiais, como os jubileus de Prata (1959) e de Ouro (1984). O conceito de pioneiro e pioneirismo, intrínseco às representações presentes nas obras comemorativas, é daquele homem migrante que enfrentou a mata bravia e as agruras de uma cidade por se fazer e, mesmo assim, conseguiu vencer, edificando família e patrimônio. O pioneiro é um vencedor. Faz parte, portanto, desse conceito de pioneirismo aqueles pioneiros líderes, os pioneiros bem-sucedidos.

A construção do Memorial do Pioneiro na Praça 1º de maio remonta a 2004. A ideia inicial era dedicar um espaço à memória dos homens e mulheres que construíram a cidade e ainda proteger e preservar a composição ferroviária (três vagões), localizada no pátio do Museu Histórico Padre Carlos Weiss. O projeto gerou polêmica e foi posto em suspenso devido ao acirramento do debate sobre a construção. Nesse contexto, surgiu a proposta de moradores e comerciantes do centro da cidade, encaminhada diretamente ao prefeito, pedindo que o Memorial fosse erguido junto à Concha Acústica, na Praça 1º de maio.

A construção do Memorial ficou decidida para a Travessa Maestro Egídio Camargo Amaral, logradouro em frente ao prédio da Casa da Criança e que ladeia a Concha Acústica, (ver figura 1) e acompanharia uma revitalização desse espaço, na época quase cinquentenário, indo ao encontro dos anseios de parcelas da população. De acordo com o novo projeto, foram erguidas 17 estruturas com quatro faces e 2 metros de altura, compondo

o monumento que abriga os nomes dos homenageados. Além disso, a Travessa Maestro Egídio Camargo Amaral foi fechada ao trânsito, revitalizada e preservada, pois era a última rua de paralelepípedo do centro da cidade. E foi justamente no passado que se buscou os elementos para a inauguração do Memorial que, depois de meses de atrasos, aconteceu no simbólico dia 1º de maio de 2007 – data do 50º aniversário da Concha Acústica.

Nesse sentido, Adum (2009) apontou que se pode falar em uma “estética de acúmulo de símbolos”: a data remete ao nome da praça, a festa é “Igualmente uma comemoração do Dia do Trabalho (do suor dos pioneiros; do desbravamento; das dificuldades etc.).” (ADUM, 2009, p.14), e os próprios pioneiros foram convidados e homenageados entrando apoteoticamente. A autora afirma que houve uma celebração e não uma solenidade política. O ponto alto dessa celebração aconteceu quando chegaram os mais antigos pioneiros ainda vivos na “catita” – primeiro ônibus da Viação Garcia, empresa fundada nos primórdios da cidade, e que foi responsável por transportar futuros habitantes até Londrina.

Para Adum (2009), a simplicidade do conjunto monumental e a opção por uma celebração desse caráter foram procedimentos que almejavam rememorar a história da Londrina ainda pequena, assim como colocar em evidência a importância dos pioneiros e a valorização da história da cidade. Concordamos que essas imagens, espalhadas pela malha urbana de uma cidade, estão profundamente ligadas à atribuição de sentido ao espaço. Assim, é imperativo atentar para o fato de que a imaginária urbana - enquanto coletivo de imagens urbanas (KNAUSS, 2003) – estreita os laços do passado com o presente, presentifica o pretérito, sacraliza-o e, com tais imagens, toma como referencial as bases afetivas da comunidade. Essas imagens, caras à população – ou a parcelas dela –, são elos de tempo e espaço.

A constituição do acervo de imagens urbanas se caracteriza, de um modo geral, por operações de significação, que organizam simbolicamente o tempo e o espaço da cidade ao instaurar referências universais no cotidiano da vida urbana. Frequentemente, esse movimento relaciona-se com motivações da conjuntura social, atualizando e redefinindo constantemente o significado das imagens urbanas. Nesse sentido, essas imagens se definem como produção social, servindo à construção de discursos acerca do passado, instaurando emblemas de poder que representam a sociedade e identificam suas estruturas sociais. (KNAUSS, 2003, p.13).

Por conseguinte, queremos pensar os discursos sobre o pioneirismo, presentes no Memorial do Pioneiro, e como esse espaço urbano está carregado de intencionalidade, atribuída pelos órgãos que o promoveram. Esse conjunto monumental integra a imaginária urbana londrinense, eivado de sentidos, e, traz em si, as disputas por poder simbólico, a ratificação de certas relações sociais e a retificação de outras.

O Memorial do Pioneiro conta com 17 monumentos em forma de obeliscos, sendo que o primeiro (próximo à Avenida Rio de Janeiro e ao prédio dos Correios) e o último (próximo à Avenida Senador Souza Naves e à Concha Acústica) servem como “capas” para todo o conjunto, pois são vermelhos, com as quatro estrelas presentes na bandeira de Londrina, e contam apenas com a inscrição “Memorial do Pioneiro”. Os demais 15 contam com quatro faces, que contêm textos, imagens e nomes dos pioneiros. Em todos eles, as imagens utilizadas são do xilogravurista paulista radicado em Londrina, Paulo Menten¹², e foram aplicadas em formato tridimensional, por meio de placas de resina de mármore – material que se assemelha visualmente ao bronze –, por Roberto Vendramento.

Num primeiro movimento, é preciso ressaltar que, nas fontes oficiais, advindas da Prefeitura Municipal, assim como nas notícias de jornais, o Memorial do Pioneiro sempre foi apresentado como um conjunto monumental contendo 17 totens. Ao pensarmos a criação da imaginária urbana em qualquer cidade, e refletindo sobre o caso específico londrinense, entendemos que a utilização pela prefeitura municipal do conceito totem, para denominar os elementos constituintes do Memorial do Pioneiro, é eivada de significados e produz certos sentidos. A palavra tem origem na língua algóguina, presente na tribo Ojibwa, da América do Norte, e é uma derivação da palavra *ototeman* que, segundo Levi-Strauss (1975), significa “ele é de minha parentela”.

Os totens, tanto da América do Norte como da Oceania, não são apenas mastros com representações pictóricas de animais. Representam os animais guardiões, que protegem e orientam os nativos, tanto individual quanto coletivamente. É bastante comum, no imaginário norte-americano, a crença na transmutação física do nativo em certos animais. Isso se daria como uma forma de ajuda do totem ao seu protegido. É desse arcabouço que a Prefeitura de Londrina se aproxima ao chamar os mastros, nos quais estão inscritos os 3.800 nomes de pioneiros, de totem. É como se essa construção sacralizasse os nomes lá inscritos. Aqueles pioneiros são como os totens, são idealizados como os espíritos protetores dessa cidade e dessa população. Os filhos, netos e bisnetos que hoje celebram seus antepassados no Memorial do Pioneiro ressignificariam essas relações totêmicas.

O que se percebe pelos textos inscritos nos mastros, pelas escolhas empreendidas e, principalmente, pela datação oficial adotada (21/8/1929 até 31/12/1939) é que o conceito de pioneiro, utilizado no Memorial, foi ampliado. Sobretudo a datação nos diz isso, pois, de acordo com a memória coletiva, e até então oficial, pioneiros eram aqueles que haviam atuado na construção de Londrina e que haviam obtido sucesso. A concepção de pioneiro estava diretamente ligada ao “vencer”, ao “fazer algo”, ao “marcar a história”. A periodização nessa concepção era muito flexível, houve pioneiros que chegaram em 1930 e outros que chegaram por volta dos anos de 1950. A datação não era o foco, mas sim os feitos

realizados. O Memorial do Pioneiro segue o padrão iniciado nas comemorações do Jubileu de Ouro (1984) e estabelece uma periodização, ampliando, nesse caso, a criada para o Cinquentenário. Os textos reconhecem a importância dos agentes que atuaram antes de a CTNP chegar à região, como posseiros e indígenas, estendendo a ideia de pioneiro/desbravador.

Registra-se, assim, uma expansão, não só conceitual, mas também numérica. No imaginário, em que antes havia um pequeno número impreciso de “pioneiros-vencedores”, posteriormente passou-se a 577 “Pioneiros de Londrina” com certificado, em 1984¹³. Hoje há 3.800 nomes gravados e expostos em praça, considerados “pioneiros e pioneiras”, ou seja, “aqueles que chegaram primeiro”. Acerca da ressignificação do conceito de pioneirismo, Sonia Adum considera que:

Neste sentido [...] houve o abandono, na nova perspectiva de pioneiro que timidamente se instaura, do componente “aqueles que venceram” instituindo-se, de forma mais incisiva, o componente “todos aqueles que chegaram primeiro.” (ADUM, 2009, p.15).

Nesse novo paradigma, a Companhia de Terras não aparece com destaque. Seus funcionários e diretores, muito prestigiados anteriormente, agora aparecem em ordem alfabética junto com todos(as) os(as) gaúchos(as), mineiros(as), paulistas, japoneses(as), italianos(as), poloneses(as) que decidiram, na “pequena Londres”, tentar a sorte de uma vida melhor. O Memorial instituiu que é pioneiro quem chegou primeiro e não quem venceu, quem deteve – e/ou ainda detém – poder. Essa alteração é basilar para a inclusão das mulheres nesse conceito e no espaço urbano, rompendo algumas das barreiras impostas pelas relações de gênero consolidadas, nas quais as mulheres estavam alijadas do espaço público.



Figura 5: Memorial do Pioneiro: em primeiro plano, o mastro vermelho de abertura, seguido de outros 16 totens/mastros. Ao fundo a Concha Acústica. À direita o Centro Comercial.
Fonte: Próprio autor, 2017.

É importante também apontarmos que nos primeiros mastros são realizadas importantes homenagens. O primeiro¹⁴, como mencionado, é uma “capa” e representa a bandeira de Londrina. O segundo mastro é uma homenagem aos “desbravadores”, contendo três placas com conteúdo textual e uma com conteúdo imagético, obra de Menten. Um dos textos presentes é assinado pelo então prefeito de Londrina, Nedson Luiz Michelletti. O prefeito inicia dizendo:

Eles vieram de várias partes do Brasil e do mundo. Eram homens, mulheres e crianças. Atravessaram a floresta e os rios. Enfrentaram a lama, a poeira, as doenças, o isolamento, as dificuldades. Fizeram tudo isso em nome do sonho. E o sonho era edificar uma cidade para todos e a felicidade para cada um.

Nas palavras de Nedson podemos perceber permanências e rupturas em relação a antigos discursos presentes na memória londrinense. O “discurso de felicidade” está presente assim como a diversidade étnica que marcou o processo de formação da cidade de Londrina e o relato das agruras do viver e construir uma cidade. Contudo, inova ao fazer clara menção às crianças e às mulheres, ambas tradicionalmente marginalizadas do discurso de bravura e hombridade, que seriam características indelévels daqueles que

teriam construído a cidade. Há uma tentativa de ampliar as representações contidas neste espaço urbano.

Os dois outros textos neste mastro seguem a mesma trilha. Um deles é intitulado “O PIONEIRO DESCONHECIDO”, no qual há uma retratação prévia por parte da prefeitura, dizendo que “Nem sempre a história registra os nomes daqueles que a construíram.” e conclui afirmando que “[...] o pioneiro desconhecido de Londrina ficará na memória de todos nós: o nome se perdeu, o valor humano se perpetuou.”, ou seja, já exime de culpa o monumento por, eventualmente, não ter contemplado a todos(as). É importante destacar que há uma exaltação desse valor humano, desse destemor e coragem que fundaram Londrina. O último elemento textual do mastro trata dos desbravadores, aqueles que estão situados temporalmente anteriores à narrativa tradicional sobre a cidade e a região e, conseqüentemente, são anteriores também à datação empreendida para o Memorial – de 21/08/1929 até 31/12/1939. Desse modo, o texto diz que antes da chegada da primeira caravana da CTNP “Alguns homens de coragem se aventuraram na grande floresta que dominava a terra vermelha. Foram eles desbravadores da futura Londrina. A eles nosso respeito e admiração.”. A imagem do desbravador¹⁵ aqui se assimila aos bandeirantes paulistas enfrentando a mata, abrindo clareiras, construindo vilas e cidades. É passo inédito na imaginária urbana a representação desses personagens anteriores à Companhia de Terras, uma vez que tradicionalmente a história de Londrina começava a ser contada a partir de 1929. O discurso está desfocado da Companhia de Terra, assim como a ação histórica formadora da cidade de Londrina.

O mastro seguinte é em homenagem aos indígenas e também contém três textos e uma imagem de Menten. O que se pode observar são textos escritos em kaingang (acompanhados por sua tradução para o português), pois era essa tribo que predominara as terras da região. Há a seguinte inscrição “Aos povos indígenas, primeiros habitantes destas terras, a homenagem dos londrinenses de todas as épocas.”. A imagem de Mentem representa um indígena com arco e flecha apontados para o alto. Também inédita tal referência aos povos indígenas, visto que em geral o norte do Paraná era retratado como um grande vazio desabitado, perspectiva que oblitera os povos indígenas e aqueles que já haviam se instalado na região.

Os demais mastros/totens são compostos por três faces repletas com a listagem dos nomes dos pioneiros e pioneiras que chegaram à Londrina no período delimitado e uma face com uma figura de Paulo Menten. Não cabe no exíguo espaço deste texto a análise das imagens de Mentem no Memorial do Pioneiro, no entanto, cabe a observação que elas suscitam uma rica análise das representações da identidade londrinense e de seu passado histórico.

Se pensarmos no conjunto das obras na sua disposição no Memorial do Pioneiro é interessante percebermos que nas primeiras imagens há a representação de uma cidade ainda mais simples e rústica, ainda sem normas de urbanização, uma cidade que estava por ser feita. Porém, ao analisarmos as imagens nos últimos mastros, já próximos à Avenida Souza Naves, perceberemos que é notória a transformação da paisagem, sendo esta agora mais urbanizada, isso podemos perceber pelo desnível entre a calçada e a rua e a utilização dos muros para separar as residências, assim como pela presença de postes de energia elétrica, mostrando a transformação urbana sofrida pela cidade. Em uma delas é possível perceber a torre de uma chaminé de indústria. Essas representações mostram o “progresso” que a cidade sofria, mas na outra imagem mostra-se um pequeno pé-de-café, ou seja, a Londrina urbanizada e desenvolvida ainda estava atrelada ao ouro verde, fonte de sua riqueza.



Figura 6: “Londrina Antiga: Paisagem Urbana 3” - Paulo Menten (Memorial do Pioneiro)
Fonte: Próprio autor, 2017.

O Memorial do Pioneiro deve ser pensado, conforme apontou Adum (2009), no sentido de acúmulo de símbolos e significados, pois, situado na praça denominada “1º de maio”, remete ao trabalho daqueles e daquelas que chegaram para construir suas vidas e, assim, edificaram a segunda maior cidade do estado. Referências à modernização da cidade também estão presentes pelas imagens de Menten selecionadas para compor o monumento, bem também se faz presente no diálogo com o prédio de Artigas (Casa da

Criança). Seu cerne conta na revitalização de um discurso identitário muito caro à população londrinense, o do pioneirismo. Revitalizado e expandido, ele ganhou novas funções e sentidos em pleno coração da cidade.

Assim, à guisa de conclusão, intentamos no presente texto analisar uma porção do tecido urbano da cidade de Londrina. A praça 1º de maio, cuja presença detecta-se nos planos urbanísticos desde de 1932, passa, nos anos 1950, a congregar uma série de equipamentos urbanos carregados na materialidade da arquitetura de traços identitários que Londrina elegeu para compor os discursos acerca de sua história e de seus cidadãos. O discurso da modernidade presente nos edifícios verticais, na Casa da Criança de Artigas e Cascaldi, no coreto moderno que é a Concha Acústica, é marca indelével dessa identidade londrinense, que, inicialmente como estratégia política, precisou se distinguir do sul do estado, apontado como o “Outro”, o tradicional. A modernidade dos anos 1950, ansiosa com o futuro, passava, sem dúvidas¹⁶, por uma agigantada atenção com a infância e a maternidade, o que nos remete a construção da creche e do centro de puericultura. Ao passo que, na praça, também está materializado o discurso mais forte e contundente sobre a memória coletiva e a identidade de Londrina: o pioneirismo. A revisão e expansão da ideia de “pioneiro” propiciou a inclusão de muitos outros nomes de homens e mulheres – essas até então à margem de tal memória – e a sacralização de tais personagens em praça pública, especialmente, em praça que sempre foi palco de manifestações políticas e artísticas, cujo nome homenageia todos os trabalhadores e trabalhadoras¹⁷.

Precisamos concordar com Calvino: a cidade contém o seu passado em suas ruas e praças, monumentos e edifícios. É oportuno nos recordarmos que a fabricação desse passado está diretamente associado às imagens a serem transmitidas ao longo dos tempos. Londrina, cidade jovem, moderna, pulsante e que valoriza suas histórias e seus antepassados. Tais são as cores que a cidade quis ilustrar sua identidade. Mesmo que desbotem com o tempo, elas ainda permanecem na concretude da praça 1º de maio.

Recebido em: 06/08/2018

Aprovado em: 20/08/2018

NOTAS

¹ O norte do Paraná entrou no cenário nacional e internacional a partir de 1923 com a chegada ao Brasil da Missão Montagu, formada por representantes da sociedade britânica que vinham estudar a possibilidade de investimentos no Brasil. Visando melhor conhecer o Brasil e sua potencialidade produtiva, Simon Joseph Fraser, conhecido como Lord Lovat e um dos integrantes da Missão

Montagu, viajou pelo interior de São Paulo até chegar ao Norte do Paraná, onde teria se encantado com a fecundidade da terra roxa e imaginou ali futuros campos de algodão e uma ferrovia integrando as diversas lavouras (IVANO, 2001).

² Segundo Boris Fausto, tratava-se de um “[...] protesto contra o confisco cambial e contra as novas medidas do governo, limitando as compras dos estoques de café.” (2003, p.433). O confisco cambial se tratava de uma medida adotada na qual o governo ficava com parte dos dólares lucrados na venda do café em função de uma diferença cambial.

³ A identidade paranaense foi, especialmente, construída por meio do Movimento Paranista, nas décadas iniciais do século XX. A partir de tal movimento, essencialmente, artístico, o pinheiro de Araucária e o clima foram catapultados a símbolos do estado.

⁴ João Batista Vilanova Artigas (1915-1985) foi importante arquiteto brasileiro com várias obras pelo país, especialmente em Londrina, Jaú e em São Paulo. Na capital paulista são obras suas o Estádio do Morumbi (1952), o prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU-USP – (1961-1969).

⁵ Carlos Cascaldi, que fora aluno de Vilanova Artigas tornou-se seu sócio em um escritório e, juntamente a seu irmão, o engenheiro Rubens Cascaldi, foram um grupo de trabalho bastante exitoso. As principais obras projetadas e executadas pelo grupo dos irmãos Cascaldi e Artigas são a Rodoviária de Londrina (1952), o Estádio do Morumbi (1952) e a Prefeitura de Jaú.

⁶ Le Corbusier era o pseudônimo do arquiteto e urbanista suíço Charles-Edouard Jeanneret-Gris (1887 —1965), considerado um dos mais importantes do século por sua contribuição para uma arquitetura modernista. Os 5 pontos da Nova Arquitetura são princípios fundamentais para compreender as obras do arquiteto. Em 1926, na revista *L’Esprit Nouveau*, Le Corbusier publicou a forma final da teoria, composta pelos pontos: planta livre, fachada livre, pilotis, terraço jardim e janelas em fita.

⁷ Para mais aprimorada reflexão sobre tal processo, ver: PAULA, 2012.

⁸ A historiadora Lúcia Glicério Mendonça procurou demonstrar que olhar controlador da medicina e da higiene pública se manifestou pungente em Londrina até meados da década de 1970, quando a Secretaria Estadual de Saúde, tendo percebido a grande atuação e a circulação que as parteiras ainda detinham na cidade, ao elaborou cursos de capacitação das parteiras, pois, assim, elas serviriam como disseminadoras do conhecimento e das práticas de higiene. A essa associação Mendonça chamou de “elo” e asseverou que “Esta elaboração teórica consiste na percepção por parte dos funcionários do Estado do potencial de iniciativa, aconselhamento e liderança que as parteiras tinham dentro de suas comunidades.”. MENDONÇA, Lúcia Glicério. *As parteiras de Londrina* (1929 – 1978). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004, p.10.

⁹ Importante historiador da infância e da família, Philippe Ariès procurou evidenciar em sua obra “História Social da Criança e da Família” (1973, 2012, 2ªed.) que a infância foi percebida de formas diferentes de acordo com cada período histórico. Segundo o autor, até meados do século XVIII a criança era percebida como substituível, uma vez que possuía uma função puramente utilitária para a coletividade.

¹⁰ Uma quinta estação rodoviária seria construída nos anos 1980, cujo projeto inicialmente era assinado por Oscar Niemeyer.

¹¹ Uma análise mais pormenorizada foi apresenta no artigo SILVA, B.S.M. “As mulheres pioneiras no Memorial do Pioneiro: inscrições e relações de gênero no espaço urbano de Londrina – PR” IN: *Patrimônio e Memória*. São Paulo, Unesp, v. 12, n.1, p. 92-121, janeiro-junho, 2016

¹² Descendente de imigrantes alemães, Paulo Menten nasceu em São Paulo, em 17 de junho de 1927 e é hoje conhecido como um dos maiores gravuristas do Brasil, um mestre nessa arte e em suas diversas técnicas, com destaque para a xilogravura. Figura querida no cenário artístico londrinense, Menten formou alunos gravuristas e ajudou a fundar o Museu de Arte de Londrina, sendo agraciado com o título de cidadão londrinense.

¹³ Foram atribuídos, em uma grande cerimônia no dia 10 de dezembro de 1984 (dia do Cinquentenário da cidade), 577 títulos. Os nomes dos homenageados foram obtidos por meio de pesquisa efetuada no acervo do Museu Histórico de Londrina, mas grande parte chegou até a Comissão através de chamadas públicas feitas no Jornal Folha de Londrina para que as pessoas fornecessem informações sobre familiares que porventura tivessem chegado à cidade no período especificado pela lei.

¹⁴ Os nomes estão dispostos em ordem alfabética, em sequência a partir do prédio do Correio (o primeiro, nas proximidades da Avenida Rio de Janeiro) até a Concha Acústica, próxima a Avenida Souza Neves.

¹⁵ Esses desbravadores referenciados nesse texto são posseiros e grileiros que já ocupavam as terras da futura Londrina antes da Cia de Terra adquiri-las do Governo Paranaense. Mais em IVANO (2001).

¹⁶ SILVA, Bruno Sanches Mariante *Assistência e Maternidade nos Boletins da Legião Brasileira de Assistência (1945 -1964)*. Tese (Doutorado em História) Assis: UNESP, 2018.

¹⁷ Há importantes discussões acerca dos usos e apropriações desses equipamentos urbanos, especialmente, em razão de sua central localização na cidade. Assim, como é de profunda relevância a análise sobre a conservação/manutenção de tais espaços. No entanto, ambas abordagens fogem ao escopo deste texto, bem como de seu exíguo espaço. Desse modo, indicamos, especialmente, a leitura da obra “*Arquitetura e Memória Coletiva: os sentidos da Modernidade em Londrina: Praça 1º de Maio e Jardim Shangri-lá*” organizada por Ana Cleide Chiarotti Cesário e Leandro Henrique Magalhães; com especial ênfase ao capítulo “A Concha Acústica: Diversidade no Contexto urbano” de Thayza Oliveria, uma etnografia do conjunto da Praça 1º de Maio.

REFERÊNCIAS

ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. *Imagens do Progresso: Civilização e Barbárie em Londrina 1930/1960*. Dissertação (Mestrado) Assis: Unesp, 1991.

_____. Práticas discursivas, patrimônio e memória: Monumento Memorial do Pioneiro. IN: SILVA, Claudia. MORAES, Vanda (Org.). *Encontro Cidades Novas: a construção de políticas patrimoniais*. Londrina: edição humanidades, 2009.

ALVES, Jolinda. *Assistência aos pobres em Londrina (1940-1980)*. Londrina: EDUEL, 2013.

ARIAS NETO, José Miguel. Pioneirismo: discurso político e identidade regional. *História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino da UEL*, nº1, p-p 69 -82.1995

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol 5 (Antropos). Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1982.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

CASTELNOU, Antonio. *Arquitetura londrinense: expressões de intenção pioneira*. Londrina: A.Castelnou, 2002.

CASTRO, Rosimeire Aparecida Angelini. *Ecos da Memória: Uma contribuição à história da vida cotidiana de mulheres no Paraná (1930/1975)*. 2003, 333f. Tese (Doutorado em História)- Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

IVANO, Rogério. *Crônicas de Fronteira: imagem e imaginário de uma terra conquistada*. Dissertação (Mestrado em História). Assis, UNESP, 2001.

KNAUSS, Paulo. Introdução. IN: _____. *Sorriso da Cidade: imagens urbanas e história política de Niterói*. Niterói: Fundação de Arte de Niterói, 2003.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. IN: _____. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O totemismo hoje*. Tradução Malcolm Bruce Corrie. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

LIMA, Fausto C. de. *Prestes Maia em Londrina: moderno em que sentido?* 2000. 220f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MARTINS, Ana Paula Vosne. "Vamos criar seu filho": os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.1, p.135-154, 2008.

OBERDIEK, Herman Iark. *Serviços médicos em Londrina (1933 – 1941): responsabilidade e compromisso*. Londrina: Eduel, 2011.

OLIVEIRA, Thayza. A Concha Acústica: Diversidade no Contexto urbano. IN: CESARIO, Ana Cleide Chiarotti.; MAGALHÃES, Leandro Henrique (Org.). *Arquitetura e Memória Coletiva: os sentidos da Modernidade em Londrina: Praça 1º de Maio e Jardim Shangri-lá*. Londrina: Editora Unifil, 2016.

PAULA, Zueleide Casagrande. O patrimônio urbano e o restauro: a Casa da Criança de Vilanova Artigas. In: PAULA, Zueleide Casagrande; MENDONÇA, Lúcia Glicério; ROMANELLO, Jorge Luiz. (Org.). *Polifonia do Patrimônio*. 1ed.Londrina: Eduel, 2012, v. 1.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade?* São Paulo: Brasiliense, 1988. Série Primeiros Passos.

SUZUKI, Juliana. *Artigas e Cascaldi: arquitetura em Londrina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Idealizações de Modernidade: Arquitetura dos Edifícios Verticais em Londrina 1949-1968*. 1. ed. Londrina: Kan, 2011.

YAMAKI, Humberto. *Labirintos da Memória: paisagens de Londrina*. Edições Humanidades. Londrina: Midiograf, 2006